



USO DA OBRA “A DIÁSPORA DE AMIRA” COMO FERRAMENTA LITERÁRIA PARA VALORIZAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA

Emmeliny de Almeida Rufino¹, Emmanoel de Almeida Rufino²

Universidade Federal da Paraíba, emmelinyvalmeidarufino@gmail.com; Instituto Federal da Paraíba; emmanoel.rufino@ifpb.edu.br

INTRODUÇÃO: A autora brasileira Conceição Evaristo nos traz uma reflexão pertinente sobre a literatura afro-brasileira. A escritora nos alerta para quão diversa é a reflexão acerca do corpus literário específico da literatura brasileira. É levantada inclusive a possibilidade de não haver sequer uma literatura afro-brasileira no que abrange o tocante de características próprias como rima, métrica e temas pré-determinados. Independentes deste tipo de literatura ter sido canonizada ou não, é inegável que as obras produzidas por autores negros ou não, com temática negra são mecanismos de valorização e ressignificação da identidade negra. Mesmo em tempos de obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira na escola, através da Lei nº 10.629 de 2003, a produção e disseminação da literatura considerada afro-brasileira encontra-se em lento desenvolvimento. Sem intencionar discutir profundamente obras “afro” em circulação, citamos que diferente de anos 90 e 2000, onde os professores faziam uso – apenas - de obras como *Iracema* (1865); *O guarani* (1857) de José de Alencar e *Escrava Isaura* (1875) de Bernardo Guimarães para tratar da temática afro, no ano em curso, 2018, autores não considerados cânones, como Alencar, produzem livros paradigmáticos onde ressignificam a beleza negra, a cultura deste povo e incitam o debate sobre o papel da mulher negra na sociedade, por exemplo. Citamos como obras atuais *A neta de Anita* de Anderson de Oliveira (2017); *Bia na África* de Ricardo Dreguer (2007); *Dandara, seus cachos e caracóis* de Maíra Suertegaray e Carla Pilla (2015). Além da lei nº 10.629 sancionada pelo Governo Federal, instituições como a Fundação Palmares vem desde 1988 distribuindo publicações que promovem, discutem e incentivam a preservação da cultura afro-brasileira, ação que auxilia professores e escolas na aplicação da lei e na formação de cidadãos. “A leitura tem efeitos sobre o sujeito, ela afeta seu eu, podendo constituir-lo e até modificar *o quê e quem ele é*. Independente do sujeito, ao se terminar uma leitura, não se está igual ao momento em que se iniciou” (SALES, 2011, p. 116). Comungamos da afirmação de Sales pois acreditamos que o ato de ler é transformador e, portanto, capaz de desinstalar as visões racistas e segregacionistas das crianças e jovens que são considerados o futuro do país. Essa mudança se torna atingível quando nós, enquanto educadores, apresentamos aos nossos alunos a cultura, história e contribuições afro-brasileiras e africana através de um recorte positivo, sem estereótipos produzidos pela narração eurocêntrica. Sabendo que na construção de uma identidade cultural de um povo, a literatura ocupa lugar de destaque por oferecer um universo de relações históricas (FILHO, 2009, p. 51) debruçamo-nos à produção do livro *A diáspora de Amira* onde abordamos temas transversais contidos na LDB e PCNs – ética, pluralidade cultural – contemplando o estilo de literatura considerada afro-brasileira, aquela cujo alicerce é a constituição de obras onde a África é venerada como o berço da civilização (CAVALCANTI, 2017 *apud* SOUZA; LIMA, 2006, p. 24). Nosso objetivo se constitui na apresentação e discussão dos impactos da obra em prosa *A diáspora de Amira* como ferramenta literária para valorização e ressignificação da história e cultura afro-brasileira e africana, fazendo-o fora de um discurso vitimista, como classifica Cavalcanti (2017). Pretendemos proceder tal construção – valorização e





VII ENLIJE

ressignificação do negro - tendo como ponto de partida a vida da narradora personagem Amira. A menina nasce numa família brasileira considerada branca, é batizada com nome de origem africana e, após protagonizar um episódio de racismo na escola quando tinha cinco anos, começa a receber educação moral e ética da sua avó. A avó assume a correção deste aspecto comportamental porque, segundo Durkheim: a educação não é um processo que ocorre somente dentro da escola. Esta socialização é constantemente exercida pelas gerações adultas sobre as jovens justamente pelo fato de que na natureza humana não é possível se incorporar aptidões da vida social materializando-as sob a forma de predisposições orgânicas, não sendo transmitidas de modo hereditário, daí então a constante importância de uma geração agindo sobre outra. (2011 *apud* SILVA, SILVA, MONTOYA; 2014). O livro que começa com o nascimento de Amira, passando pelas vivências na escola e as descobertas da cultura afro-brasileira e africanas por uma ótica não eurocêntrica a partir dos ensinamentos da avó e aquelas que são ministradas eventualmente na escola. A obra ainda traz um diário de bordo escrito pela personagem ao visitar quatro cidades brasileiras – Recife, Salvador, São Luís e São Paulo – locais que guardam registros sociais, econômicos, gastronômicos e tecnológicos relevantes dos negros para o país. A *diáspora* é permitida pela avó, ao presentear a neta com a viagem citada. A vó rainha, como a menina a chama, vai moldando, ao longo da narrativa, uma “neta” consciente da sua descendência, ao passo que desarticula estereótipos fixados historicamente e propagados livremente na sociedade. O paradidático ainda apresenta trechos de músicas, poemas e livros de artistas brasileiros negros ou não que enaltecem a figura do indivíduo afro-brasileiro e africano em diferentes espaços sociais brasileiros. O uso da obra *A Diáspora de Amira* se torna relevante por dar suporte teórico aos professores no ensino de cultura afro-brasileira e africana aos alunos a partir dos oito anos, também chamados de leitores em processo por Filho (2009). Não podemos deixar de lembrar quão valorosa a obra é para os professores, afinal, estes precisam estar em constante atualização literária.

METODOLOGIA: A literatura infantil e juvenil, principalmente no recorte de ensino de cultura afro-brasileira e africana, ainda evolui em passos, curtos o que dificulta o atendimento à demanda social - de formação do indivíduo - e legislativa, no que regulamenta a Lei de nº 10.629 de 2003. Em breve pesquisa virtual, constatamos que há em circulação no mercado editorial de obras em formato paradidático que abordam o tema citado acima; contudo, o fazem de maneira fragmentada. Umás obras trabalham a autoestima das meninas negras pelo enaltecimento do seu cabelo, outras vertem esforços para a desconstrução de estereótipos; seja na possibilidade de ser uma princesa negra ou uma médica, juíza... Mais que apresentar o livro, debruçamo-nos sobre a elaboração deste material paradidático para dar suporte teórico aos professores no ensino de cultura afro àqueles que Filho (2009) chama de leitores em processo, fluentes e críticos. A linguagem verbal coloquial, de fácil compreensão, não foge à norma culta e conduz o tema apresentado de acordo com o nível de amadurecimento psicológico de cada tipo de leitor descrito acima. Com a obra, o professor tem a possibilidade de trabalhar com alunos a partir dos oito anos (leitor em processo); onde o conhecimento do mundo é aguçado (FILHO, 2009), passando pela fase onde desenvolve-se o pensamento hipotético dedutivo e atividade de reflexão - leitor fluente - (FILHO, 2009), chegando até o leitor crítico; aquele que entende os processos de semioses especiais presentes no texto (FILHO, 2009). Escolhida a tipologia narrativa *Romance*, o livro paradidático será desenvolvido preconizando conteúdos de afirmação identitária negra e ressignificação da história e cultura afro-brasileira e africana. Como afirma Filho (2009) “esses temas não necessariamente precisam vir explícitos nas obras, mas determinadas ações ou nas contidas na efabulação podem e devem trazer à tona tais discussões” (p. 41). O inciso 1º da lei de ensino de História Afro-brasileira e Africana diz que o conteúdo programático das escolas deve contemplar “a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil” (BRASIL, 2003). Para abordagem dos temas n’*A diáspora de Amira* serão inseridas música, poemas, trechos de livros





VII ENLIJE

produzidos por artistas negros ou não que bendizem a cultura afro-brasileira e africana. Como exemplo desses poetas e escritores citamos a cantora Sandra de Sá e o cantor Milton Nascimento, as escritoras Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus. Para melhor compor a explicação sobre nossa “brasilidade”, será apresentada a “árvore genealógica brasileira” que tivera sua gênese pela mistura da cor negra africana, branca europeia e índia brasileira. Tiradentes e Silva (2008), assim como Schwarcz (2012) nos auxiliarão na tarefa de explicar teoricamente como essa mistura se deu. Para exibir a beleza negra, principalmente das mulheres com seus turbantes, cabelos multifacetados e vestimentas, lançaremos mão da teoria de Braga (2015). Filho (2009) ainda nos ajudará na tarefa de entender esta literatura como prática em sala de aula. Cavalcanti (2017) e Evaristo (2009) também serão indispensáveis na nossa pesquisa. Por fim nos lançaremos no universo dos gênios negros da humanidade pelos olhos de Loras e Machado (2017).

RESULTADOS E DISCUSSÃO: “Até hoje, o papel atribuído ao ensino tem priorizado as capacidades cognitivas...” (ZABALA, 1998, p. 28) e a ação de se trabalhar com a cultura, literatura, inovações dos negros pelo viés apreciativo promove o que Zabala chama de formação integral dos alunos. A sala de aula se torna um espaço de convergência de diferentes culturas, raças e realidade social; portanto, o professor precisa de materiais didáticos diferenciados para desenvolver a consciência ética dos seus alunos. Por mais que não sejamos negros na cor; não vivamos no corpo negro; e não experimentemos as experiências destes, tomamos para nós a responsabilidade de discutir o tema através desta obra. Somos encorajados a descrever o negro e sua contribuição para o Brasil através de três premissas: a ânsia de equidade entre os povos que compõem nosso país; a demanda natural de reconhecimento identitário brasileiro, já que temos a segunda maior população negra do mundo e pela constatação trazida por Zilá Bernd (1998 *apud* Cavalcanti, 2017) a de que “tanto no romance como na poesia, na maioria das vezes, o negro está representado de forma estereotipada, classificado como escravo, inferior, marginal, submisso, dentre outros”. Nos capítulos do livro *A diáspora de Amira*, narrado em primeira pessoa, ladeados à narradora personagem, temos contato com a história afro-brasileira e africana por uma ótica livre de estereótipos. Lemos fragmentos de poemas de autores negros ou não que exaltam a cultura negra, “cantamos” canções que já passaram pelos nossos ouvidos, mas que assumem novo sabor depois que “ligamos os pontos” e entendemos porquê o negro é um personagem importantíssimo para a nação brasileira. A temática de ressignificação da história e cultura afro-brasileira e africana passa pelos nossos olhos tendo como pano de fundo o nascimento da personagem numa família autodeclarada branca, seu batismo com um nome de origem africana, o episódio de racismo protagonizado aos cinco anos que norteou sua avó na sua educação moral, suas descobertas acerca do tema - dentro e fora do ambiente escolar - e por fim, a viagem de diáspora que sua avó planejou durante anos como presente pelos seus 18 anos. O capítulo que trata do comportamento racista de Amira se chama *A bronca*. Num dos trechos deste capítulo detectamos o racismo numa prática que pode ser muito repetida entre as crianças e que não são reveladas pelas estatísticas: “*Eu chamei meu coleguinha de sala de macaco preto feio. Sim! Guilherme era negro. Eu teoricamente branca e ele negro. Não se espante com minha ação, porque ela é mais comum do que a gente pensa. Eu não tinha muita noção do que estava dizendo, mas minha vó sabia que era hora de intervir. Crescer não sabendo o que eu estava dizendo seria um caminho sem volta. Deixar a criança crescer sem saber de um assunto é permitir que se instale nela as mais reprováveis atitudes, inclusive a racista.*” Ainda criança Amira tem contato com uma música cantada pela sua avó e que mais parece um hino de afirmação negra, para não dizer um hino de resistência. O capítulo da vez é o *As histórias por entre as ondas dos meus cabelos* e diz: *Lembro que um dia Vó Rainha estava entretida no crochê e enchia a casa com essa música: Os meus olhos coloridos/Me fazem refletir/Eu estou sempre na minha/E não posso mais fugir.../Meu cabelo enrolado/Todos querem imitar/Eles estão baratinado/Também querem enrolar.../Você ri da minha roupa/Você ri do meu cabelo/Você ri da*





VII ENLIJE

*minha pele/Você ri do meu sorriso.../A verdade é que você/(Todo brasileiro tem!)/Tem sangue crioulo/Tem cabelo duro/Sarará, sarará/Sarará, sarará/Sarará crioulo... Chegando na adolescência, quando Amira já começa a ter contato com a temática afro na escola, nos deparamos com o capítulo *A feira de ciências*. Aqui a cultura afro-brasileira e africana toma forma e cor: “Como essas feiras de ciências acontecem geralmente no fim do ano, uma delas caiu em novembro, mês da Consciência Negra. Pois bem, sendo um evento que era mais que ciência, nessa específica tinha muita coisa legal. Para aproveitar o mês da Consciência Negra, os alunos poderiam levar trabalhos ou algo do tipo que representasse a cultura afro-brasileira e africana. A gente nunca tinha visto muito esse tema pela escola...” Por narrar sua própria história, uma história com cenas que por vezes se confundem com nossa vida, a personagem Amira nos insere na sua realidade e nos outorga como companhia das suas experimentações, principalmente quando nos presenteia com seu diário de bordo escrito nas cidades de Recife, Salvador, São Luís e São Paulo; territórios que foram e são palcos da história e resistência negra.*

CONCLUSÕES: Nosso estudo, bem como a elaboração da obra *A diáspora de Amira* se encontra em processo de desenvolvimento; contudo, nossas conclusões versam sobre uma aplicabilidade próspera na escola. É perceptível o caminho de contribuição positiva dos conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana no âmbito escolar e fora dele. No tocante das instituições educacionais, perpassando os anseios sociais (ética e moral), o livro paradidático se revela uma verdadeira ferramenta para valorização e ressignificação afro ao passo que permite a aplicabilidade das exigências de legislações como a Lei 10.629 de 2003 - ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na escola - bem como dos PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais de 1998. Essa última lei indica que os alunos devem: Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país; conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como os aspectos sociais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crença, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais (FILHO, 2009, p. 32-33). Por se tratar de uma obra paradidática que propõe uma narrativa com elementos e situações veiculadas na nossa sociedade atual, espera-se que leitores de diferentes idades aprendam sobre a história e cultura afro-brasileira e africana e, mais que isso, ressignifiquem o tema dentro e fora do espaço escolar. Em todos os espaços sociais “não cabe mais conectar o negro à imagem do indivíduo reificado, e sim como um participante ativo que tem voz e vez na sociedade” (CAVALCANTI, 2017).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, Amanda. **História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas**. São Carlos: EdUFSCAR, 2015. 273 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 146p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>>. Acesso em: 27 maio. 2018.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Publicada no Diário Oficial da União em 09 de janeiro de 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 27 maio 2018.

CAVALCANTE, Francys Carla Arraiz Lindoso. Literatura afro-brasileira: um processo de afirmação identitária e de resistência negra na poesia de Cuti. **Opiniões**, São Paulo, n. 10, p. 86-





VII ENLIJE

102, June 2017. ISSN 2525-8133. Disponível em:
<<http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/122432>>. Acesso em: 27 maio 2018.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, [S.l.], v. 13, n. 25, p. 17-31, dez. 2009. ISSN 2358-3428. Disponível em:
<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

FILHO, José Nicolau Gregorin. **Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação dos leitores**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009. 128 p.

OLIVEIRA JÚNIOR, Ailton Paulo de; CIABOTTI, Valéria. Aspectos da elaboração de livro paradidático para o ensino de Probabilidade nos anos finais do Ensino Fundamental. **Revista Thema**, [S.l.], v. 14, n. 4, p. 82-99, dez. 2017. ISSN 2177-2894. Disponível em:
<<http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/547>>. Acesso em: 12 jul. 2018.
doi:<http://dx.doi.org/10.15536/thema.14.2017.82-99.547>.

PEREIRA, Regina Celi Mendes. **Práticas de leitura e escrita na escola: construindo textos e reconstruindo sentidos**. Regina Celi Mendes Pereira (Organizadora). – João Pessoa: Editora da UFPB, 2011. v. il. Coleção Todas as Letras; 9. (1. Leitura 2. Alves, Maria de Fátima II. Faria, Maria E. de Brito III. Sales, Laurenia Souto IV. Todas as Letras)

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**. Cor e raça na sociedade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012. 152 p.

SILVA, Eliane Paganini da; SILVA, Luana Cristine Franzini da; MONTOYA, Adrián Oscar Dongo. A educação moral: de Durkheim à Piaget. **Revista Luminária**, Paraná, v. 16, n. 02, 2014, ISSN: 2359-4373. Disponível em:
<<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/luminaria/article/view/332>>. Acesso em 06 jun. 2018.

TIRADENTES, J. A. **Sociedade em construção: história e cultura afro-brasileira: O negro na formação da sociedade brasileira** / J. A. Tiradentes, Denise Rampazzo da Silva. São Paulo: Gráfica e Editora Direção, 2008. 122 p.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1998.

